

CARTA À ENFERMAGEM DE 2021

Ouvi, muito tempo atrás, que havia um homem que acreditava em Deus.

Ele rezava todos os dias, com muito fervor, por acreditar que existia algo Divino, sublime, que alimentava a vida. Deus se encantou com sua intenção e resolveu aparecer para ele. Esse homem ficou tão feliz, tão grato, que perguntou-lhe, o que deveria fazer para corresponder-lhe. Ele pediu que esse homem empurrasse uma grande pedra que ficava em frente sua casa.

Por 10 anos esse homem empurrou. Diariamente, sem exceção, ele empurrou. E a pedra não se moveu nem um único centímetro, lhe pareceu. Começou a ficar desanimado, sem entusiasmo e reduziu suas preces. Deus lhe apareceu, novamente, e questionou-o sobre sua falta de motivação. O homem explicou: “fiz conforme o Senhor pediu; empurrei diariamente essa pedra e ela não se moveu!”. Deus, amorosa e gentilmente lhe disse: “Se eu quisesse que essa pedra saísse daí, Eu mesmo teria tirado. Olhe seus braços, seus músculos, sua disciplina, sua determinação, sua força... não percebeu a diferença?”.

Tenho pensado nessa história com frequência nesse nosso momento, tão desafiador, de pandemia. O que pode ser Divino continuarmos a fazer? A resposta que me vem é: continuar a cuidar da vida. Continuar a cuidar dos enfermos (dos não firmes) que são os seres que necessitam da Enfermagem. Foi por isso que recebemos esse nome (Enfermagem) da Florence, foi por isso que fizemos um juramento ao nos formarmos.

Não sei por que tudo está ocorrendo dessa forma, não sei por que não focamos há mais tempo nossos esforços e atenção na prevenção, na educação básica, na reflexão (desde a pré-escola) dos valores éticos que nos permitem perseguir o bom, o belo e o justo. Não sei também porque ainda não temos todo o reconhecimento que uma sociedade que

“

Tempos que nos fazem pensar se a maior subversão não é exatamente acreditar na virtude, no poder do cuidar amoroso e atento, pois sabemos que quem reage ao medíocre é traidor; trai o comodismo.

”

valoriza a vida, teria, com relação a nossa profissão. Ou, talvez, seja exatamente isso: só valorizaremos a Enfermagem, enquanto profissão, numa sociedade que reconheça a importância de todas as vidas; inclusive a vida de pessoas que não estejam “firmes”, mas enfermas.

Tempos que nos fazem pensar se a maior subversão não é exatamente acreditar na virtude, no poder do cuidar amoroso e atento, pois sabemos que quem reage ao medíocre é traidor; trai o comodismo. Aceita o desafio de ser o seu melhor, nas condições possíveis, responsabiliza-se por ser o que é, pelas escolhas que fez.

Fica aqui, meu querido “time” da Enfermagem brasileira, meu carinho, minha torcida e minha vontade que, como nos ensinou Nelson Mandela, “suas escolhas reflitam suas esperanças, não seus medos”.

Cuidem-se com amor. Continuemos juntos. A pedra é grande. 🕊



FOTO: Arquivo Pessoal

Maria Júlia Paes da Silva

Enfermeira formada em 1979. Profa. Titular aposentada pela EEUSP. Mestrado, doutorado e livre docência na área de comunicação interpessoal. Autora dos livros: Comunicação tem remédio; O amor é o caminho; Liderança em 5 atos; No caminho – fragmentos para ser melhor; entre outros.